

O outro que chega: experiências vividas e identidades construídas no Balneário de Araxá (MG), anos 1920-1940.

GLAURA TEIXEIRA NOGUEIRA LIMA*

A especificidade de Araxá enquanto estância balneária mineira reproduziu continuamente relações sociais e de trabalho nascidas do contato mantido com o outro, mais ou menos distante. A história desse lugar interagiu com tantas relações pessoais quanto as histórias vividas por aqueles que o freqüentaram periodicamente.¹ Se as experiências dos moradores, obtidas mediante o exercício de atividades profissionais e vinculadas a uma sucessão de idéias e iniciativas para que serviços urbanos fossem implantados, promoveram a viabilização da estância, as experiências dos visitantes caminharam em sentido paralelo, mas com igual proporção.

Como expectadores ansiosos por situações inéditas, os veranistas repousavam, se divertiam, relaxavam junto ao ambiente natural, realizavam tratamento médico, enfim, desfrutavam o tempo do “não-trabalho”. Por um lado, as pessoas de Araxá adaptavam seu corpo e suas aspirações ao modelo de uma cidade que se queria como estação de águas. Reservavam o sustento a si e às suas famílias, buscando formas de crescimento material que variavam segundo as suas capacidades de observação e de execução. Por outro, garantiam a permanência dos que chegavam, colocando-se à disposição para oferecer-lhes o lazer ou a cura.

O ato de fazer uma estação ou de estar por determinado tempo num ou noutro lugar, neste caso uma estância onde se passa temporada com objetivos de fazer tratamento ou de descansar, pressupõe experiências variadas. Entre o aquático visitante e o morador anfitrião verificou-se a criação de uma via ocupada por elementos que se cruzavam, ora tensionados, ora não. Poderiam ser esses elementos os hábitos alimentares, os modos de se vestir, de trafegar, de portar-se e tantas outras novas maneiras de pensar, de consumir ou de produzir para o deleite próprio ou para fins de comercialização. Essa reprodução, adotada não só como simples prática individual ou familiar, mas também como forma de comercializar mercadorias, ganhou mais ou

¹ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p.32-36.

menos força conforme se estabeleceram as particularidades das relações locais, quer fossem sociais, quer fossem de trabalho.

Esses elementos compuseram um “feixe” cultural, podendo ser tanto aqueles incorporados em virtude do caráter hegemônico que apresentavam, quanto aqueles transmitidos entre gerações.² No dia-a-dia da cidade, as práticas colocadas em evidência – como a adoção de um novo corte de cabelo ou de um chapéu, a posse envaidecida de uma fotografia ou de um automóvel ou um ingrediente a mais na feitura do almoço trivial – nasciam muitas vezes desse relacionamento com o imprevisto. Bem-vinda e, simultaneamente, provocadora de um certo estranhamento, a novidade não perturbou a racionalidade, abrindo possibilidades para fazer de Araxá, do Barreiro (o local das fontes de águas minerais) e do caminho entre ambos uma cidade viva e “mítica”.³

O período dedicado a fazer a estação de águas durava inicialmente 21 dias. Foram os habitantes de Roma que estipularam este período, haja vista a preocupação voltada para os princípios que eternizariam sua cidade, explícitos no valor atribuído às aparências tanto no espaço urbano, com seus traços geométricos, quanto no corpo, em constante busca pelas formas estéticas harmônicas, pela purificação e pela higiene por eles consideradas as ideais. Criados os estabelecimentos públicos para banhos – as termas romanas –, eles viam no ato de banhar-se uma experiência naturalmente exigida ao cidadão e à cidadã.⁴

As temporadas não eram apenas acontecimentos efêmeros, sem rastros. A fugacidade da programação, seguida a princípio durante três semanas (às vezes mais, às vezes menos) como privilégio e poder do veranista, não passava incólume ao habitante local, ainda que pudesse parecer-lhe cronologicamente reduzida. Longe disso, o período de convívio com aquele que chegava para depois partir – não raro, com a esperança do retorno – dotava a cidade de um ritmo passível de absorver todos os movimentos próprios de um lugar onde se podia estar por algum tempo com todos os seus sentidos, inclusive os metafóricos. Esse período de permanência na estância representava para os

² Edward P. Thompson chamou de “feixe” o conjunto de vários elementos culturais que são incorporados ao longo dos contatos mantidos em determinada comunidade ou transmitidos por tradição. THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.19-22.

³ CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. p.183-191.

⁴ SENNET, Richard. *Carne e pedra*. 3ª.ed. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.6-123. Ver também Antonio Candido prefaciando João do Rio in: RIO, João do. *A correspondência de uma estação de cura*. 3ª.ed. São Paulo: Scipione, 1992. p.IX-XVIII.

aquáticos (os usuários das águas) um intervalo em suas vidas, objetivando o reequilíbrio do organismo. A consciência do tempo vivido no dia-a-dia, muitas vezes desgastante, enfadonho e, sobretudo, uniforme, parecia quebrar-se ou retardar o seu fluxo quando o indivíduo usufruía a estação de águas tranquila e longínqua de Araxá.

Já na chegada à cidade se obtinha a sensação da amplitude e do vigor que caracterizaria aquelas semanas tão especiais. Os hábitos diferentes então introduzidos levavam ao esquecimento do mundo deixado para trás. Após a primeira semana, o visitante, uma vez aclimatado, sentia o tempo passar rapidamente.⁵ Já se vivia a nova monotonia conquistada e, ao contrário do que se pensa, os dias pareciam breves no seu conjunto. Afora os benefícios absorvidos durante três semanas de tratamento e tranqüilidade, a viagem em si significava o rompimento da rotina, experiência decorrente não apenas do interregno, mas também da distância geográfica que temporariamente separava o visitante dos seus afazeres da vida cotidiana.⁶

“A estação thermal cria uma medicina physica e suggestiva do mais feliz êxito”, garantiu uma espécie de guia do usuário, em 1920 – “sobretudo quando como no Araxá, onde, a paisagem é nova e encantadora e cujas aguas e clima são de peregrinas virtudes”.⁷(GUIA, 1920: 11-14). Os aquáticos, sobretudo os doentes, eram aconselhados a não fazerem viagens longas de maneira ininterrupta, já que paragens esparsas podiam aliviar a distância e o provável desconforto do percurso. Das estações férreas de Sacramento e de Uberaba partiam automóveis para conduzir todos à estância de Araxá em poucas horas. Como garantia aos passageiros, anunciava-se a existência de telefones ao longo do trajeto.⁸

Naqueles anos 20, nada mais nada menos do que trinta horas de viagem separavam Araxá daqueles que viviam no Rio de Janeiro. Já os moradores de São Paulo levavam cerca de vinte horas para chegarem à estação de águas.⁹ Em terras mineiras, onde se viam chapadões, serras e campos, os passageiros cumpriam por estradas de automóveis os trajetos entre Sacramento e Araxá ou Uberaba e Araxá. Salvo os

⁵ MANN, Thomas. *A montanha mágica*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p.143-145.

⁶ *Ibidem*. p.11-14.

⁷ GUIA Thermal das Aguas do Araxá. Estado de Minas Geraes, s/n., 1920. p.9-14.

⁸ *Ibidem*. p.15.

⁹ *Ibidem*. p.51-52.

imprevistos geográficos e climáticos ou os desafios de transpor estradas de cascalhos, pontes, mata-burros e bueiros, outras dificuldades se impunham, como a necessidade de se transitar por vias de propriedade particular.

Em outro sentido, passando por Belo Horizonte, os trens noturnos saíam diariamente do Rio de Janeiro às 18h30min para chegarem às 10h05min na capital mineira, de onde partiam para Araxá às 16 horas. Disponibilizando dormitórios e restaurante, o desembarque dos passageiros na plataforma da estação férrea acontecia às 10h05min do dia seguinte.¹⁰ A estrada de ferro veio oferecer essa linha, incluindo nela a opção do desembarque em Ibiá, até 1926, quando foi então inaugurada a gare de Araxá e com ela a possibilidade de alcançar diretamente a cidade por meio dos trilhos. No sentido Uberaba-Araxá havia, ao final dos anos 20, nove estações, entre as quais se destacam as de Presidente Bernardes, Tamanduapava, Capivara, Ibitimirim, Itaipu, Alpercatas, Almeida Campos e Zelândia.

Ainda assim, as questões em torno dos caminhos que ligavam Araxá à capital mineira ou ao estado de São Paulo criavam sérios desafios. No início dos anos 30, a estrada Araxá-Sacramento, que contava com grande fluxo de mercadorias e de passageiros, já pertencia ao governo de Minas Gerais. A Prefeitura, por seu turno, abria outra estrada rumo à fronteira com os paulistas, cujas referências indicam que se tratava da “Estrada da Liberdade”, construída em parceria com o hoteleiro italiano Francisco Cavallini.¹¹

No início da década de 1940, além das linhas férreas e rodoviárias, o passageiro que pretendia chegar a Araxá passou a contar também com a linha aérea da Panair. Sempre às terças e sextas-feiras chegava-se à cidade de avião, ainda pela manhã, duas horas e cinquenta minutos após o embarque no Rio de Janeiro e passando por Belo Horizonte. Pelo mesmo avião, à tarde, era possível cumprir o trajeto de volta.¹² Ao final dos anos 40, a comunicação aérea já se fazia não apenas pela “Cia. Nacional de Transportes Aereos”, com vôos para Belo Horizonte e Rio de Janeiro, mas também pela

¹⁰ Nessa época, final dos anos 30 e início dos anos 40, os noturnos saíam de São Paulo às 19h30min, chegando a Sacramento (via Campinas e Ribeirão Preto) às 15 horas do dia seguinte. Meia hora depois partiam os automóveis rumo a Araxá. THERMAS de Araxá. Informações úteis sobre a estância. Araxá: Oficinas Cabral, 1941. 16p.

¹¹ Requerimento enviado à Prefeitura Municipal de Araxá em 1930. Arquivo Requerimentos/ FCCB.

¹² THERMAS de Araxá. Informações úteis sobre a estância. Araxá: Oficinas Cabral, 1941. p.14.

“Viação Aérea São Paulo” - VASP, com viagens para São Paulo. Sem considerar as ligações rodoviárias, os trens diários para Belo Horizonte e Uberaba asseguravam o transporte de passageiros entre Araxá e essas cidades, agora não mais pela Oeste de Minas, transformada em Rede Mineira de Viação a partir de 1931.

Pelos trilhos, pelos ares ou sobre rodas dava-se o deslocamento até Araxá. Paisagens novas levavam passageiros de diferentes cidades aos ambientes naturais ou construídos do local das fontes, onde se revelavam não apenas a cor da água e o cheiro do Balneário, mas também a ausência de ruídos eminentemente urbanos. Os aposentos eram tidos como muito ou como pouco confortáveis, dependendo da referência e dos hábitos, distantes até centenas de quilômetros, daqueles que neles se hospedavam. As condições dos hotéis podiam representar o retorno a um tempo já conquistado ou ainda por se conquistar. Quem sabe, talvez, Araxá se configurasse como um objetivo a ser alcançado pelos paulistanos que, neste caso, poderiam ter como modelos as antigas residências da avenida Paulista reproduzindo em si os estilos de estação de águas e de cassinos.¹³

A princípio, médicos recomendavam que as temporadas de 21 dias ocorressem preferencialmente em março, abril ou setembro.¹⁴ Acreditavam os especialistas que eram estes os períodos mais apropriados, embora não se descartassem os demais. Aos usuários das águas e dos outros elementos convenientes da estância reservavam-se vastos benefícios disponíveis, numa espécie de férias em que se podiam contemplar o seu e os outros tipos de vida e, ainda, refletir sobre todos eles.

Os divulgadores da estância de Araxá, especialmente os médicos e os hoteleiros, há muito tempo depositavam confiança na idéia auspiciosa de se respirar um novo ar, o componente essencial destinado aos visitantes. Para aqueles que viviam a poucos metros acima do mar, a altitude em torno de mil metros poderia evocar prazeres indescritíveis e conceder proventos incalculáveis. A temperatura amena fazia do clima um dado obrigatório em qualquer anúncio publicitário de hotel ou de consultório

¹³ Sobre as impressões causadas por mudanças de espaços, de tempos e de hierarquias sociais, ver: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.69-134.

¹⁴ Com o passar do tempo e com a incorporação de novos hábitos, as temporadas em Araxá seriam sugeridas para 14 ou 7 dias. THERMAS de Araxá. Informações úteis sobre a estância. Araxá: Oficinas Cabral, 1941. 16p. À medida que as investigações científicas se avolumaram, as temporadas passaram a ser recomendadas para todos os meses do ano. Recorte do jornal O PAIZ. Rio de Janeiro, 08/03/1929. Arquivo FCCB.

médico. Aliada aos fatores climáticos, a variação de lugar, alterando hábitos ou incorporando outros, tornava-se vital ao alívio do ritmo em crescente tensão nos centros urbanos. Araxá poderia oferecer aquilo que a cultura das cidades grandes havia excluído. São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte já haviam deixado para trás a tranqüilidade, o ar puro e a alimentação saudável.

Ao doente, em especial, uma vez instalado no hotel escolhido, recomendava-se não fazer o uso das águas imediatamente. A regra consistia em esperar entre vinte e quatro e quarenta e oito horas, no mínimo. O período sugerido permitia ao visitante adaptar-se aos novos hábitos e, seguramente, aclimatar-se.¹⁵

As águas – fossem elas radioativas ou sulfurosas, para ingerir ou para imergir – integravam um método complexo de terapêutica cujos elementos formadores deveriam agir harmoniosamente. Já há muito tempo os pesquisadores aliavam o seu valor à qualidade do clima e ao regime alimentar próprio a ser indicado pelo médico. Também o repouso – um misto de descanso com dieta alimentar – era recomendado como recurso eficaz ao tratamento.¹⁶ Creditava-se a cura termal, portanto, aos elementos climáticos, à altitude, à vegetação, enfim, ao “bom solo, o bom ar; a boa água, esse triplo alicerce da saúde, proclamado desde Hyppocrates.¹⁷ (GUIA, 1920: 43).

A urbanização conduzia à sociabilidade e com esta incorporavam-se novos padrões de comportamento, como a sensação de bem-estar adquirida em decorrência da mudança de ambiente. E no episódico residia o caráter saudável do novo hábito. Os poderes das águas poderiam rejuvenescer e revigorar o corpo, adiando os efeitos provocados pelo passar dos anos.¹⁸ No caso da experiência de Araxá há ainda uma particularidade. Concebida posteriormente às demais do Sul de Minas, como Poços de Caldas, Caxambu, São Lourenço e Cambuquira, e, sobretudo, distante geograficamente do tradicional circuito mineiro de águas e dos grandes centros do país, a cidade, ainda assim, habituou-se a receber anualmente um grande número de visitantes.

¹⁵ GUIA Thermal das Águas do Araxá. Estado de Minas Geraes, s/n., 1920. p.16.

¹⁶ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru: EDUSC, 2002. p.43-55.

¹⁷ GUIA Thermal das Águas do Araxá. Estado de Minas Geraes, s/n., 1920. p.43.

¹⁸ Às situações ocasionais obtidas nessas temporadas, ou seja, vividas neste passar do tempo, e que nos une ou nos distancia de algo Certeau chamou de “tempo acidentado”. CERTEAU, Michel. Op. cit. p.311.

O convívio com o outro se dava nos pontos de circulação, como os salões dos hotéis, a sala de recepção do Balneário ou do coreto e os jardins do parque. Nos espaços públicos urbanos não havia como o visitante se isolar completamente dos habitantes locais, contudo evidenciavam-se outras formas de isolamento como contraponto da socialização. O fato de atrair pacientes em busca de cura, qualquer que fosse esta, representava também lhes permitir que se isolassem em face da recuperação pretendida. Havia, então, os aposentos dos quartos, nos quais os hóspedes tinham garantia de privacidade. Da mesma forma, o isolamento poderia se dar nas cabines de banhos e nas áreas verdes mais reservadas dentro do próprio parque ou localizadas nos entornos do Barreiro e da cidade: “[...] nos arredores do Barreiro ha passeios encantadores. Caçam-se perdizes e codornas nos arredores das serras do Monte Alto e Bocaina. [...] Em summa, quer a doentes, quer a sãos, é altamente proveitosa uma estação no Araxá”.¹⁹(CARVALHO, 1928:57)

O fato é que a *aquae* originada da fonte – herança dos hábitos da antigüidade – fazia com que os aquáticos permanecessem por uma longa temporada na estação. As formas de sociabilidade mantidas entre aquáticos e moradores locais e entre estes e os hoteleiros, comerciantes e profissionais liberais contribuía para desenhar a cidade e o Barreiro com identidade própria. O cotidiano de Araxá vivia sua fixidez mesmo quando se percebiam as manifestações espontâneas. A quebra do seu ritmo com as temporadas de banhos significou a existência mútua da regularidade e da espontaneidade de uma estação de águas.²⁰ O retorno à vida rotineira após semanas de permanência em Araxá acompanhava-se da sensação revigorante do organismo. Cada um levava consigo as impressões obtidas na temporada, que, invariavelmente, associavam a natureza – clima, água, vegetação – ao estilo receptivo dos moradores. O caráter afável da acolhida incluía a especificidade da culinária com base nos produtos naturais da terra reelaborados por maneiras próprias de fazê-los chegar à mesa.²¹

Certa vez, um clérigo do nordeste brasileiro, bispo em Pernambuco, fez menção ao sentimento católico dos habitantes locais como complemento dos atrativos

¹⁹ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.57.

²⁰ HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 6ª.ed., vol.2. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p.29-30.

²¹ ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da mineiridade*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p.82-88.

aos quais usufruiu durante a estação de águas.²² Os religiosos, especialmente os da congregação salesiana, instalada na cidade em 1931, freqüentavam a estância – e também as colunas sociais dos jornais locais, que registravam suas presenças – e, comumente, a divulgavam. Anos mais tarde, durante a inauguração do Complexo Termal, no governo Getúlio Vargas, o teor de religiosidade presente na estação e a confluência dos espaços desta com a cidade católica levaram o bispo Dom Alexandre do Amaral, da Diocese de Uberaba, a pronunciar-se a favor da construção de uma igreja, que, ao seu ver, era o único elemento ausente naquela imponente obra arquitetônica destinada à cura do organismo dos seus freqüentadores.

O número de religiosos, políticos, poetas, inventores e jornalistas ampliava-se em direção aos fazendeiros, negociantes, profissionais liberais e militares de alta patente, consubstanciando-se a sensação de prazer que pulsava no coração dos visitantes. Alguns iam para Araxá sozinhos, outros acompanhados das famílias, e todos eles juntavam-se nas varandas dos hotéis, nos salões de refeições ou de jogos, no Balneário, nas fontes ou nos espaços públicos e privados da cidade. Os grupos se estendiam em número e quase sempre em sisudez ao posarem para os fotógrafos com os proprietários dos hotéis à frente desses estabelecimentos. Hóspedes, hoteleiros com familiares e funcionários expressavam formalidade, ao menos por alguns minutos, frente às lentes das máquinas fotográficas, revelando uma convivência característica da cidade-balneário.

O enviado do jornal *O Paiz*, Octavio Antônio da Costa, passou duas temporadas de abril – em 1926 e em 1927 – em Araxá. Suas estações foram, sobretudo, de viagens, observações e intensos estudos, que, em seguida, transformaram-se em uma série de reportagens, publicadas semanalmente entre 1928 e 1929, sobre a cidade e sua inserção no Triângulo Mineiro. Das informações por ele obtidas constam que 1127 aquáticos estiveram em Araxá no primeiro ano em que ele também esteve na cidade, número que cresceu para 1244 no mesmo período em 1927.²³ Dom Frei Luiz Maria de Sant’Anna, Frei João José de Castro e Pe. José Gaspar de Affonseca e Silva, este pouco antes de sagrar-se bispo e depois arcebispo de São Paulo, passavam temporadas em Araxá, onde

²² CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.30.

²³ Recorte do jornal O PAIZ. Rio de Janeiro, 06/02/1929. Arquivo FCCB.

conciliavam repouso com ofícios e cerimônias religiosas. Os clérigos hospedavam-se, em geral, nos aposentos salesianos do Colégio Dom Bosco, enquanto o araxaense Dom José Gaspar usufruía a hospitalidade da residência familiar.²⁴

Em dezembro de 1931, pouco antes de sua morte, Alberto Santos Dumont passou uma temporada em Araxá. Há muito tempo o aviador havia abandonado as incursões pelos ares, já se dedicando à literatura sobre as experiências como inventor e aeronauta. Hospedou-se no “Radium Sanatorium”, no período em que o Hotel Radio assim se chamou e esteve arrendado aos médicos da cidade, Dr. Álvaro Ribeiro e Dr. Hugo Levy. Sob as orientações desses profissionais, realizavam-se ali tratamentos para cura, convalescença e repouso. Durante sua estada, Santos Dumont uniu a terapêutica disponível aos relacionamentos informais e à afetividade dos contatos familiares.²⁵ Reencontrou Corina Dumont Pinto, sua prima e mulher do hoteleiro Daniel Henrique Pinto, residentes no Hotel Araxá, na cidade.

O significado da presença do pai da aviação na cidade extrapolou a esfera pessoal. Num bloco de papel do hotel, ele escreveu uma mensagem que depois foi encaminhada à sua prima, solicitando que comprasse algum brinquedo para os netos dela como lembrança do parente que lhes queria bem. Nas memórias da cidade incluem-se aspectos como este da sua passagem, que foi sedimentada pela existência de uma placa com seu nome que durante décadas permaneceu afixada à porta do “apartamento independente” em que se hospedou.

Um fazendeiro da região sul de Minas Gerais havia deixado o Brasil para fazer uma estação de cura na Alemanha. Um médico alemão, então, sugeriu-lhe que procurasse um lugar chamado Araxá, cujas águas revelavam-se curativas, especialmente da diabete, enquanto as de São Lourenço deveriam ser indicadas para os rins, as de Caxambu, Lambari e Cambuquira para o estômago e as de Poços de Caldas obtinham melhores resultados nos tratamentos da pele e de sífilis. Houve casos em que jovens portadores de dores ciáticas ganharam alívio após os banhos com as águas de Araxá. Da

²⁴ RENOVAÇÃO. Araxá, n.19, 20/05/1934, p.4. Arquivo FCCB. ALMENARA. Araxá, n.14, 15/01/1935, p.3. Arquivo FCCB.

²⁵ Depoimento de Arnaldo de Almeida Castro concedido à autora em outubro de 2006, Araxá. SEIXAS, Jacy Alves de. “Os tempos da memória: (des)continuidade e projeção. Uma reflexão (in)atual para a história?”. In: ARTES DA HISTÓRIA & OUTRAS LINGUAGENS. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo, EDUC, n.24, 2002. p.43-63. BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3ª.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.73-90; 415-433.

mesma forma, diversos senhores diabéticos tiveram significativa redução de açúcar em seus organismos ao final das temporadas de 21 dias.²⁶

Os contatos iniciais de Domingos Zema com Araxá foram marcados por dois momentos. O primeiro foi decorrente de uma indicação médica que recebera em Ribeirão Preto, onde morava, a partir dos sintomas de malária por ele apresentados. À temporada de cura por meio das águas, durante a qual recuperou a saúde, seguiu-se o segundo momento, em que o italiano aproximou-se definitivamente das terras mineiras. Residindo na cidade de Sacramento, ele trabalhava como motorista que conduzia visitantes ao Barreiro. Em 1923 já morava em Araxá e possuía negócio próprio.²⁷

Cidadãos como Domingos Zema chegaram a Araxá para não mais partirem. Outros visitantes, no entanto, permaneceram na cidade o tempo suficiente para a conhecerem, recuperarem a saúde ou deixarem inscritas suas idéias a respeito de Araxá. As estações prosseguiram formulando representações enquanto estância hidromineral ideal para o repouso. Em 1927, Luiz Adrião corroborou a opinião de tantos outros, sinalizando para a topografia da cidade, para as suas águas, o seu clima e o seu estilo afetuoso de acolher o visitante. Henrique Costa recorreu ao lirismo de Olavo Bilac com suas “Velhas Árvores” para definir a mata do Barreiro de Araxá. Já Carlos Olyntho Belfort, procedente de São João da Boa Vista, São Paulo, declarou que curou sua diabete após a estação de cura em Araxá, que lhe havia sido sugerida por médicos de sua terra natal.²⁸

Freqüentadores assíduos costumavam estabelecer laços com a cidade a ponto de serem agregados de alguma forma à população local. O coronel Francisco Schmidt, conhecido como o “rei do café”, deixava Ribeirão Preto com freqüência para passar temporadas, preferencialmente de jogos, em Araxá. Esta familiaridade foi tanta que uma das fontes de águas minerais do Barreiro, antes identificada por número, passou a se chamar Fonte Schmidt.²⁹

A lama medicinal em uso com a água sulfurosa transpunha as estações alemãs de Karlsbad e Franzesbad para a estação de Araxá. Uma jovem de 25 anos definhava há

²⁶ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.53.

²⁷ CASTRO, Maria Beatriz Afonso de. Op. cit. p.41-76.

²⁸ CARVALHO, Horacio (Org.). Op. cit. p.57-60.

²⁹ Recorte do jornal O PAIZ. Rio de Janeiro, 06/02/1929. Arquivo FCCB.

três meses em decorrência de um reumatismo que a impedia de movimentar os braços e as mãos. Conduzida por um automóvel no trajeto entre o hotel e o Balneário, ao final da temporada na estação, a paciente havia recuperado as articulações e a possibilidade de caminhar pelo parque em torno das fontes e da Casa de Banhos. A ingestão de água sulfurosa e os banhos com esta e com a lama curaram, em 1935, um doente acometido de eczema córneo. As três semanas de tratamento permitiram-lhe retomar a posição num time de *football* do Rio de Janeiro.³⁰

A prática de atestar as águas minerais, entre outros deveres atribuídos à estância, repetiu-se habitualmente. Desde os anos 20, um livro de visitantes “illustres” indicava a presença de aquáticos, muitos deles médicos que, embora estivessem em temporadas de lazer com suas famílias, eram chamados a opinar.³¹ Julgamentos abalizados de cientistas e de professores em férias vinculados às Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e de São Paulo avultavam a relação de pareceres e assinaturas em livros mantidos geralmente por hotéis e escritórios de empresas concessionárias das águas, em uma evidente disposição para reuni-los.³²

Em 1932, hospedou-se no Hotel Cavallini o Dr. Affonso Fraga, advogado em São Paulo, jurista e autor de vários trabalhos publicados na área do direito. No mesmo hotel e igualmente com o objetivo de fazer estação de águas encontrava-se o Sr. J. Fonseca Saraiva, identificado na imprensa local como “o conceituado editor e proprietário da Livraria Acadêmica”, em São Paulo.³³ O Hotel Colombo registrou nos primeiros anos da década de 1930 a presença, entre seus hóspedes, do Sr. Adolpho Frichaim, cônsul de origem alemã com jurisdição no estado do Maranhão. Nesse mesmo período, hospedaram-se neste hotel diversos *aquáticos* paulistas, fiéis clientes da família Colombo, que procuravam se afastar das tensões provocadas pelo movimento constitucionalista de 1932.³⁴

³⁰ LUZ, Carlos. *O Barreiro de Araxá*. Palestra feita no *Rotary Club* do Rio de Janeiro, no dia 10 de abril de 1942. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio – Rodrigues & C., 1942. 13p.

³¹ Sobre a produção dos chamados livros de visitantes e o intuito de divulgá-los por meio da imprensa, ver: CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.266-286, especialmente 271.

³² GUIA Thermal das Aguas do Araxá. Estado de Minas Gerais, s/n., 1920. p.47-48.

³³ A OPINIÃO. Araxá, n.12, 03/04/1932, p.4. Arquivo FCCB.

³⁴ A OPINIÃO. Araxá, n.39, 09/10/1932, p.4. Arquivo FCCB. Depoimento de Yolanda Colombo concedido à autora em 04/05/2004, Araxá.

Repouso e recreio, simultaneamente, compunham as opções de muitos que chegavam ao Barreiro para distanciarem-se da rotina diária. Nesse sentido, Araxá atraiu a população de municípios vizinhos, acolhendo temporariamente a família de Gregoriano Canedo, prefeito de Monte Carmelo, bem como os líderes políticos e profissionais reconhecidos de Patrocínio, Uberlândia, Uberaba, Araguari, São Gotardo, Divinópolis, Oliveira, Passos, entre outros, inclusive do estado de São Paulo. Hospedavam-se em Araxá com frequência relevante, ainda, aqueles procedentes de cidades não tão próximas, como Juiz de Fora, São João del-Rei e Paracatu.³⁵

O então presidente de Minas Gerais, Dr. Fernando Mello Vianna, estivera no Barreiro nos anos 20 em visita oficial, deliberando sobre ações que poderiam conduzir ao aparelhamento da cidade-balneário. Fizeram o mesmo o seu antecessor, Arthur Bernardes, e os seus sucessores, entre os quais Antônio Carlos, Olegário Maciel e, nos anos 40, Benedicto Valladares. A imprensa de Araxá noticiou a presença de Mello Vianna e de seus familiares no final de 1932 e, já como ex-presidente do Estado e ex-vice-presidente da República, no início de 1934, em viagem de recreio.³⁶

A sirene do Cine Trianon anunciou a chegada do Interventor Federal Dr. Benedicto Valladares, chefe do governo mineiro, que desembarcava pela primeira vez em visita a toda região, antes chamada Triângulo Mineiro. Dois anos antes, o então presidente Olegário Maciel – líder do grupo político ao qual pertencia o senador João Jacques Montandon, representante de Araxá no senado mineiro – abriu um crédito especial de 100:000\$000 (cem contos de réis) a ser empregado em reforma inadiável no balneário e nas fontes do Barreiro, sob a direção do Departamento do Trabalho, Indústria e Comércio da Secretaria da Agricultura, Viação e Obras.³⁷

Do mesmo modo como os representantes dos poderes políticos absorveram na prática a idéia da estância, corolário às funções dos chefes do executivo, os profissionais da imprensa anteciparam àqueles num trabalho de reportagens em que seguiam a trilha do governante. Via de regra, esses percursos jornalísticos procuravam viabilizar a

³⁵ A OPINIÃO. Araxá, n.41, 23/10/1932, p.4; e n.42, 30/10/1932, p.4. Arquivo FCCB.

³⁶ A OPINIÃO. Araxá, n.47, 03/12/1932, p.4. RENOVACÃO. Araxá, n.12, 01/04/1934, p.1 e 4; e n.21, 03/06/1934, p.4. Arquivo FCCB.

³⁷ RENOVACÃO. Araxá, n.21, 03/06/1934, p.4. Arquivo FCCB.

realização de matérias especiais. Seus executores inseriam-se na categoria de “hospedes ilustres” e, como tais, ganhavam saudações nos espaços dos semanários.³⁸

“A vida é calma em Aguas de Araxá”, escreveu Rubem Braga, enviado especial da extinta Folha de Minas que, em 1936, hospedou-se no Hotel Radio Sanatório. Os diretores do hotel, Drs. Hugo Levy e Álvaro Ribeiro, dirigiam também o tratamento e o repouso dos visitantes e, por conseguinte, administraram a estadia do repórter, que assim definiu a calma do lugar com seus objetos de atração: “[...] aguas sulfurosas e radioativas, aguas para banho e para bebida; dieta para os mais doentes; passeios, diversões, conforto e sobretudo, repouso”.³⁹(PLANALTO,2005:10)

No início dos anos 40, os mesmos motivos que levaram o capixaba Rubem Braga a visitar Araxá motivaram Francisco Alencar a conhecê-la. Este jornalista piauiense radicado no Rio de Janeiro traduziu o sentido da estância mineira aos seus leitores cariocas. Na cidade-balneário, além de realizar seu trabalho jornalístico, ele viveu o encontro com Jacintha, ou Nina, filha da família Duarte Garcia, formada por prósperos fazendeiros de Santa Rosa de Viterbo, no interior paulista. Nina e seus pais haviam chegado a Araxá com o desejo de fazerem da estação de águas um tônico que produzisse novo encantamento à filha, que acabara de terminar um romance. A história de Nina ganhou contornos celebrativos. Do convívio do jornalista Francisco com a professora Nina, ambientado na varanda e nas salas do Hotel das Fontes, ao casamento do casal em Santa Rosa, que em seguida estabeleceu domicílio no Rio de Janeiro, decorreu apenas um ano.⁴⁰

Após regressar da sua segunda “estação de repouso”, conforme definira a temporada em Araxá, o então presidente do Conselho Administrativo da Caixa Econômica do Rio de Janeiro, Dr. Carlos Luz, cumpriu um compromisso assumido com ele mesmo: ministrou palestra aos companheiros do *Rotary Club* da capital federal, levando-lhes informações sobre a “estância hidroterápica” de Araxá. A fala do Dr. Carlos Luz mostrou a dupla função de estatuto de prova e de guia do usuário, sem

³⁸ RENOVACÃO. Araxá, n.25, 01/07/1934, p.1 e 4. Arquivo FCCB.

³⁹ BRAGA, Rubem. *Terras, Águas e Ventos do Araxá*. Texto publicado originalmente na “Folha de Minas” de 16 de julho de 1936 e reeditado em O PLANALTO. Araxá, n.1187/96, ano XX, 03/11/2005, p.10.

⁴⁰ Depoimento de Jacintha Duarte Garcia Alencar concedido à autora em 05/08/2005, Santa Rosa de Viterbo, São Paulo.

deixar de pontuar alguns aspectos do passado da cidade e do uso de suas águas, mas lançando dados e imagens da nova estância hidromineral em construção naqueles primeiros anos da década de 40.⁴¹

Ainda que estivesse habituada a receber os Mello Franco de Paracatu, os Pignataro de Belo Horizonte e os Matarazzo de São Paulo, além de condes, condessas, barões e baronesas e de tantos outros homens e mulheres portadores de credenciais específicas dos nobres, doutores, intelectuais, coronéis ou clérigos, a cidade-balneário confrontou-se com as faces de grupos carentes de saúde e de prosperidade material.⁴² A imprensa promovia a estância e, concomitantemente, denunciava as suas ambigüidades. O confronto entre a exclusão e a pujança tornar-se-ia mais intenso na cidade-balneário principalmente a partir da segunda metade dos anos 40, com a inauguração do Complexo do Barreiro.

Os espaços da cidade-balneário ordenavam as experiências vividas pelos personagens durante as temporadas. Cada um dos lugares sociais estabelecia suas hierarquias e os protagonistas, individual ou coletivamente, teciam as relações neles presentes. As práticas e as expectativas conectadas aos cenários da estação, reforçadas pelo discurso médico que sustentava a formação de um centro de cura e de repouso, apontavam para as especificidades dos grupos sociais. Os modos de ser e de revelar uma aparência por meio de linguagens que expressassem os diferentes tipos de vida acabavam por identificar os freqüentadores temporários e por facilitar, ou não, o convívio deles com os moradores locais.⁴³ Na estação de águas de Araxá encontravam-se os aquáticos, saudáveis ou doentes: homens, mulheres, crianças e jovens. Tal categoria social era formada, na sua maioria, por aqueles cujo poder aquisitivo permitia vencer longas distâncias. Eles procuravam estar em contato com a natureza, mas também serem reconhecidos, diante de si e dos outros, como elegantes e refinados.⁴⁴

⁴¹ LUZ, Carlos. Op. cit.

⁴² A OPINIÃO. Araxá, n.16, 01/05/1932; e n.48, 10/12/1932, p.4. Arquivo FCCB.

⁴³ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. "Corpo e História". In: CADERNOS DE SUBJETIVIDADE. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, vol.3, n.2, set./fev. 1995. p.251 e 252.

⁴⁴ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. p.23.

Referências Bibliográficas:

- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3ª.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.; 415-433.
- CARVALHO, Horacio (Org.). *Album do Araxá*. Estado de Minas Gerais, s/n., 1920.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990
- CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GUIA Thermal das Aguas do Araxá. Estado de Minas Geraes, s/n., 1920.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 6ª.ed., vol.2. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996
- MANN, Thomas. *A montanha mágica*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru: EDUSC, 2002
- RUTHEFORD, Jonathan. "O terceiro espaço: uma entrevista com Homi Bhabha." In: REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Rio de Janeiro, n.24, 1996.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. "Corpo e História". In: CADERNOS DE SUBJETIVIDADE. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, vol.3, n.2, set./fev. 1995.
- SEIXAS, Jacy Alves de. "Os tempos da memória: (des)continuidade e projeção. Uma reflexão (in)atual para a história?". In: ARTES DA HISTÓRIA & OUTRAS LINGUAGENS. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo, EDUC, n.24, 2002..
- SENNET, Richard. *Carne e pedra*. 3ª.ed. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- THERMAS de Araxá. Informações úteis sobre a estância. Araxá: Oficinas Cabral, 1941. 16p
- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979